



ÁREA DE CASTANHEIROS AUMENTOU 53% EM 10 ANOS

Nos últimos anos a área de produção de castanha cresceu em 10 mil hectares, estimando-se que de ano para ano os resultados da fileira aumentem. A pressão intensa de septoriose em alguns soutos acabou por manchar a última campanha, que deverá ficar equilibrada com uma ligeira subida dos preços.

Ana Gomes Oliveira

A maior precipitação no final da Primavera e no início de Setembro estarão na origem da quebra estimada na produção de castanha para este ano na ordem dos 10 a 15% face a 2020. A previsão é avançada por Albino Bento, vice-presidente do Centro Nacional de Competências dos Frutos Secos (CNCFS), ressaltando que em 2020 Portugal tinha alcançado as 42 mil toneladas de castanha. «Este ano vamos

ficar aquém disso. Ao longo de uma década registaram-se mais 10 mil ha de castanheiros plantados, mas estes ainda não estão no seu potencial máximo de produção», salienta o responsável do CNCFS.

Nas zonas mais húmidas e frescas, a quebra foi condicionada no início do Outono por septoriose, afectando alguns soutos, sendo que noutros fez-se notar o ataque da vespa do casta-

nheiro, nomeadamente em zonas mais sensíveis como o Miúdo e o Douro. «Em Trás-os-Montes as explorações foram menos prejudicadas porque o ataque ocorreu mais tarde.» Apesar de aparentemente haver quebra de volume, a subida ligeira do preço acabará por equilibrar a campanha, verificando-se aumentos de 20 a 30 cêntimos em média. Recorde-se que a maior parte da produção se destina ao mercado externo, com a China a liderar a lista de países produtores. Seguem-se a Bolívia e a Turquia.

José Gomes Laranjo, presidente da Associação Portuguesa da Castanha (RefCast), não está tão certo desta quebra, acreditando que, mesmo com os ataques de septoriose que afectaram algumas explorações, globalmente, e face ao ano passado, os volumes podem ter sido maiores face a 2020, que foi um ano muito seco e mau para a produção. «Também penso que as expectativas eram muitas e depois com os ataques do fungo houve essa percepção de quebra, mas vamos ver. O que temos aqui de acrescentar e que é muito importante é que a área de castanheiro aumentou 53% em 10 anos. Ou seja, todos os anos temos novas áreas a entrar em produção. Do ponto de vista climático, o ano até foi bom. Não esteve muito calor e choveu nos momentos certos», defende o professor.

Atenta e empenhada em tornar a fileira competitiva, a RefCast tem tido um papel preponderante em grupos de trabalho que investigam as principais pragas e doenças da cultura. Para José Gomes Laranjo, «a doença da tinta está no topo da lista das principais preocupações sanitárias, porque não há um tratamento efectivo, e não tanto a vespa das galhas do castanheiro, que já é quase um “não problema”, tendo em conta que o trabalho está mais ou menos controlado. O trabalho foi feito. O parasitoide está instalado e estamos na fase da sua expansão para um controlo efectivo da praga». Porém, o presidente da RefCast enumera um outro aspecto que considera «um problema grave». «É a questão do bichado da castanha, porque quase ninguém trata e todos os anos é responsável pela depreciação de 20 a 25% da produção. O sector carece de



Ativador e sincronizador do abrolhamento e floração em fruteiras

Grande eficiência graças aos seus diferentes mecanismos de ação sobre a planta.

Seguro para o aplicador, meio ambiente e culturas.

Sem necessidade de usar ativadores adicionais.



Invierna

Doses variáveis de acordo com a cultura

Quer saber mais?

Contate um técnico da AGRIPRO para mais informações.

trabalho de comunicação ainda mais forte no sentido de que é necessária uma adequação do modelo da cultura do castanheiro aos novos tempos e às novas exigências do mercado, que quer uma qualidade uniforme ao longo de toda a campanha e que vá de encontro à cotação do produto. A castanha posiciona-se no nível dos frutos mais caros e isso coloca-nos uma responsabilidade muito grande. Os produtores têm de fazer tratamentos no momento certo. Temos ensaios em que, com as aplicações correctas, conseguimos níveis de ataque de bichado muito inferior a 5%.»

Mas os desafios nesta matéria não ficam por aqui. «Agora temos um outro problema que é a podridão da castanha (*Gnomoniopsis*), que é um fungo que vem dos soutos, dentro das castanhas, e que se não se fizer a conservação em frio destrói lotes em meia dúzia de dias. Temos alertado para essa questão, mesmo junto do consumidor final. A castanha deve ser colocada no frigorífico. O que acontece é que as pessoas levam para casa, deixam à temperatura ambiente, em poucos dias as castanhas ficam podres e ficam a pensar que foram enganadas. No âmbito do EuroCastanea estamos com ensaios em simultâneo em Portugal, França e Itália para tentarmos encontrar produtos viáveis de serem homologados para virem a ser usados no souto para combater a podridão», avança o mesmo responsável.

José Gomes Laranjo descreve uma fileira em franca ascensão, com muito potencial no mercado, mas para a qual ainda são precisos vários apoios no sentido de se prosseguirem projectos de investigação em curso, como o ClimCast, que envolve 14 parceiros e pretende funcionar como uma rede de avisos para pragas e doenças.

AgriFuturo sai vencedora no trabalho com a variedade Judia

«A castanha Judia é a melhor do mundo. Destaca-se pelo brilho, calibre, doçura e o nível de conservação. Depois de apa-

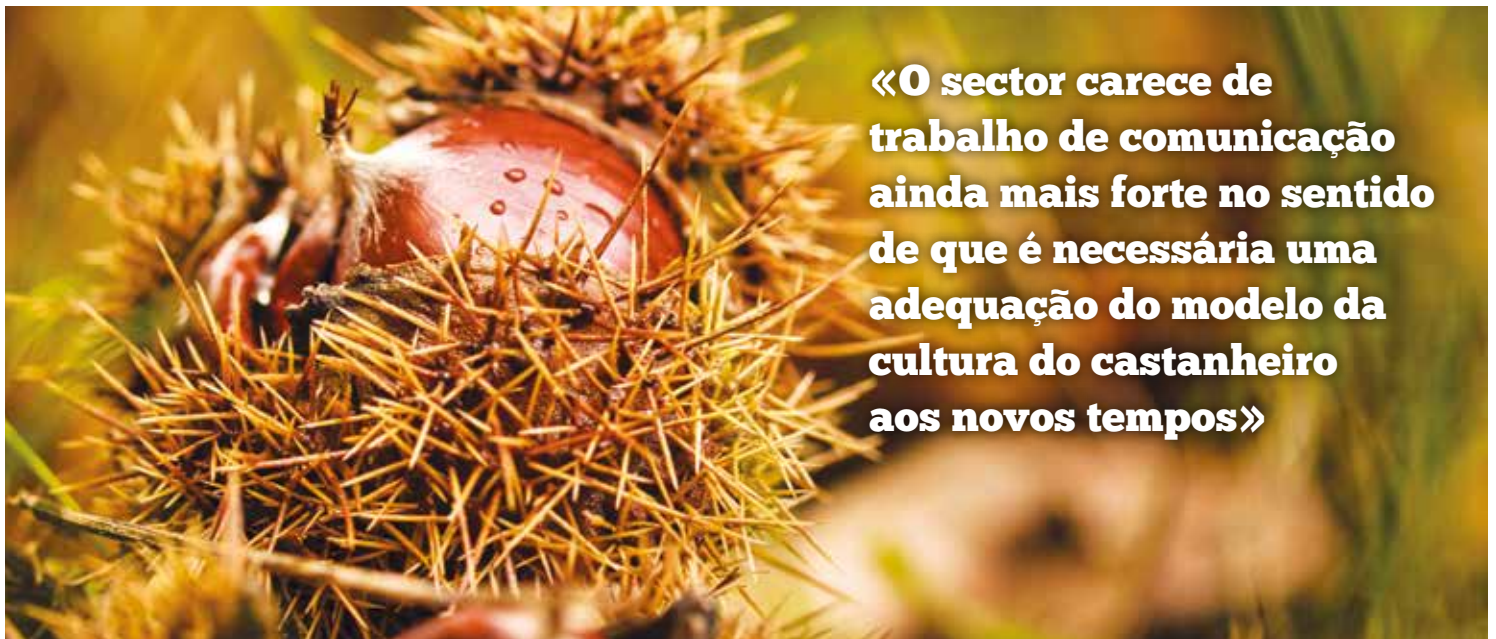


› Folhas de castanheiro com septoriose

nhada continua com as mesmas características durante vários dias, não desidrata», enaltece Jorge Espírito Santo, técnico da AgriFuturo, que já reúne cerca de 225 associados que na sua maioria produzem esta variedade numa área de 850 ha em Carrazeda de Montenegro.

A campanha deste ano não foi nada fácil, como relata o engenheiro agrónomo, muito por culpa da septoriose que também nesta região não deu tréguas aos produtores que não fizeram os tratamentos atempadamente. «Foi uma situação para a qual fizemos avisos, mas nem todos aplicaram. Os calibres foram afectados, mas apesar disso a qualidade da castanha está boa», refere Jorge Espírito Santo.

A doença da tinta, o cancro do castanheiro e a septoriose têm sido os grandes inimigos da cultura e o técnico não tem dúvidas em afirmar que os produtores têm de começar a olhar para os soutos como uma cultura que tem de ser tratada.



«O sector carece de trabalho de comunicação ainda mais forte no sentido de que é necessária uma adequação do modelo da cultura do castanheiro aos novos tempos»

Mesmo em relação à água, o mesmo responsável salienta que o desenvolvimento vegetativo é bastante melhor. «Antes era impensável regar o castanheiro, mas hoje isso já tem de ser tido em conta.» A escassez de mão-de-obra é um problema cada vez mais difícil na região, «tanto que já há produtores a adquirir equipamentos para a apanha mecânica», avança. Em 2021, a AgriFuturo conseguiu certificar 42 produtores da zona da Padrela em Global GAP e muitos estão a apostar na castanha biológica. Grande parte da castanha Judia da associação é vendida em fresco para exportação, tendo como principais destinos países europeu como Itália, França e Alemanha, e depois Brasil e Estados Unidos.

Coopenela exporta Martainha em tempo recorde

A Cooperativa Agrícola de Penela da Beira (Coopenela) integra a Organização de Produtores de Frutos de Casca Rija, que, na produção de castanha, conta com cerca de 600 associados, correspondendo a uma área na ordem dos 1.000 ha de castanheiros. A variedade Martainha é a rainha da cooperativa que, em 2021, em volume, teve o quarto melhor ano da última década, recepcionando 440 toneladas.

Mas as expectativas em meados da campanha estavam mais elevadas, como nos relata Rui Droga, coordenador da Organização de Produtores. «O castanheiro tinha muitos ouriços, mas as condições climáticas trocaram as voltas e a castanha ficou mais miúda. As chuvas do final do Verão prejudicaram as zonas mais altas, acima dos 900 metros, devido ao aparecimento de fungos, nomeadamente a septoriose. Os produtores de altitude acabaram por ter quebras de produção significativas», descreve o técnico.

Este foi também o ano em que o produto se escoou mais rapidamente, maioritariamente para exportação, fazendo com que não se sentissem muito os problemas ligados à podridão e ao bichado. «A verdade é que também fazemos uma escolha muito rigorosa antes do produto sair e não tivemos reclamações.» Preparados para comercializar frutos biológicos, Rui Droga não esconde que esta tem sido uma aposta crescente por parte dos produtores

de castanha, acreditando que «nos próximos três anos cerca de 25% dos associados estejam a produzir castanha biológica».

A Coopenela trabalha cerca de sete calibres com castanha em fresco, tendo ainda produção de amêndoa, noz, avelã e alfarroba. «Estamos à espera que os produtores de pistácio entrem em produção para trabalharmos esse fruto». Este ano recepcionaram 120 toneladas de amêndoa, «com perspectiva de para o próximo ano duplicar ou triplicar volumes, por haver várias áreas no Alentejo a entrar em produção». A avelã é outra das apostas, que «terá certamente também aumento de volumes», conclui Rui Droga. ●

INFACO
www.infaco.com

ELECTROCOUP F3015
NA CONTINUIDADE DO APERFEIÇOAMENTO

BATERIA
ULTRA COMPACTA

POWERCOUP® PW2

EQUIPAMENTO MULTIFUNÇÕES

**1 MOTOR
=
6 FERRAMENTAS**

Varejador
Serra Circular
Desladradora
Desbastadora
Corta-Sebes
Serra

LISAGRI
Importador Exclusivo para Portugal

EN 356-2, nº 120 Ponte Cavaleiro 2410-854 Leiria Tel. 244 814 479 Email: lisagri.lida@gmail.com